

CAPELLE-DUMONT, Philippe (dir.), **Philosophie et Théologie au Moyen-Âge. Anthologie – Tome II** (dirigé par Olivier BOULNOIS), coll. «Philosophie et Théologie», Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2009, 468 p., 210 x 135, ISBN 978-2-204-08861-9.

Na sua introdução a este volume II da antologia já referida, Philippe Capelle chama a atenção para a possível tentação de reduzir a filosofia medieval a um esquema uniforme, na sua relação com a teologia. Se a própria Idade Média é multiforme e objecto de delimitações temporais divergentes, também a relação entre filosofia e teologia (esta tida por rainha dos saberes) foi vista e praticada de maneira pluriforme pelos medievais. O desenvolvimento desta ideia de fundo é assumido por Olivier Boulnois na sua própria introdução, significativamente intitulada «L'entretien infini». Dividido em seis pontos, esse texto introdutório enfrenta assim as seguintes questões: Porquê e como aparece a teologia no espaço ocidental? Como é que a análise lógica se insere na interpretação da Escritura? Como é que o entendimento da fé se transforma em teologia? De que conceitos de fé se dispõe então? Há uma ligação entre a evolução teórica da Sagrada Escritura e o nascimento da universidade? De onde provém e o que significa a crise do século XIII, marcada por um conflito entre filosofia e teologia? A resposta a estas questões, que ocupa três dezenas de páginas (9-41) acaba por oferecer uma excelente peça de reflexão sobre esta problemática e um bom contributo para a própria história da filosofia medieval ou, talvez com mais rigor, da filosofia na Idade Média.

Foi também a pluriformidade e complexidade da problemática que ditou a

organização do volume, não simplesmente por autores, mas por capítulos, cada um dos quais enfrenta numa certa unidade, a pluralidade das posições em presença. Os capítulos coligem textos, sucessivamente, sobre os seguintes temas: 1 – Filosofia e teologia em Bizâncio; 2 – A filosofia islâmica contra o *kalâm*; 3 – Exegese e teologia; 4 – A autoridade saída da razão. A teologia como filosofia em Escoto Eriúgena e a cultura carolíngia; 5 – Autoridades sagradas ou razões dialécticas? A querela sobre o método na teologia do século XI; 6 – Fé e razão. A teologia filosófica de Santo Anselmo; – 7 – Nascimento da teologia. Pedro Abelardo; 8 – Teologia monástica contra dialéctica; 9 – Da *fides quaerens intellectum* à teologia escolástica; 10 – A teologia gramatical; 11 – Da fé à ciência. De P. Lombardo a A. de Hales; 12 – Fundar a teologia como ciência. Alberto, Boaventura, Tomás; 13 – O ideal filosófico; 14 – A pluralidade das ciências e a epistemologia dos filósofos; 15 – A crise intelectual dos anos 1270. Boaventura e Tomás de Aquino; 16 – A filosofia segundo os regulamentos universitários; 17 – A subalternização e as suas críticas. Henrique de Gand, etc.; 18 – A reforma da teologia, a ciência e as línguas. Bacon, Lullo; 19 – Livre revelação e metafísica natural. Duns Escoto; 20 – O critério da evidência. G. de Ockham; 21 – Teologia e filosofia política; 22 – Humanismo e teologia. Dante e Petrarca; 23 – Teologia mística e douta ignorância. Nicolau de Cusa e outros; 24 – Uma epistemologia teológica: assentimento, dúvida e engano divino no século XIV.

O esquema de cada capítulo é semelhante ao de cada autor no volume I. Do valor e da utilidade de uma colectânea de textos desta natureza e com este tratamento pode dizer-se o mesmo que ficou dito

para aquele volume. Apenas, neste caso, com incidência específica na história do pensamento na Idade Média.

Os dois volumes que completarão esta antologia incidem sobre as outras duas idades filosóficas: Idade Moderna (III) e Idade Contemporânea (IV), prevendo-se este último bastante mais volumoso.

JORGE COUTINHO

CARON, Maxence, **La Vérité captive. De la philosophie – Système nouveau de la philosophie et de son histoire passée, présente et future**, coll. «Théologiques», Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr) / Ad Solem (www.ad-solem.com), Paris, 2009, 1120 p., 215 x 135, ISBN 978-2-204-09003-2 (Cerf) / 978-2-940-402-52-6 (Ad Solem).

Maxence Caron (nascido em 1976) – professor com agregação em Filosofia, doutor em Letras pela Sorbonne, laureado pela Academia Francesa, e também musicólogo, fundador e director, nas Éditions du Cerf, da colecção «Les Cahiers d'Histoire de la Philosophie» – é, sem dúvida, um dos grandes pensadores do tempo presente, com garantia de vir a marcar os rumos futuros da filosofia. Tem estudado especialmente e publicado sobre grandes pensadores germânicos (Kant, Hegel e Heidegger), bem como sobre Santo Agostinho. O presente volume revela bem o seu conhecimento destes e de outros grandes autores, mas constitui uma longa meditação filosófica vincadamente original. Com uma expressão literária de rara beleza, aqui como em outros dos seus livros – lembrando, sobretudo na longa Introdução, escritos como alguns de Agostinho ou dos profetas do Antigo Testamento ou

desse grande profeta do que ele designa como «a ultra-modernidade», e que foi Nietzsche –, em linguagem muito tecida de palavras e de metáforas novas, procura, intencionalmente, desenvolver um sistema em que se conciliam filosofia e literatura. A impressão do leitor, após ter folheado o livro e de o ter seguido nas primeiras páginas, é a de estar perante uma torrente de pensamento jorrando lentamente, límpido e claro, compacto e denso, quase como um glaciar de água fresca que, em degelo, se vai liquefazendo e se oferece à sede de verdade de quem anda – e mesmo de quem não anda – à procura dela.

Como Caron se explica, logo de entrada, *La Vérité captive* representa, na sua obra de pensador, ao mesmo tempo, o inteiro Sistema que se propôs desenvolver, a sua primeira expressão em face do pensamento contemporâneo (como «uma nosologia da ultra-modernidade») e constituindo também, portanto, uma parte do mesmo Sistema («uniquement *pars totalis et pars totalitatis*»). O que ele designa por esta palavra (escrita com maiúscula) – e que se propõe manifestar mais plenamente, se tiver vida e saúde – é «o Sistema da Eternidade, da história e do tempo». Ao labor da sua feitura – à «Obra» (*Oeuvre*) – aplica-lhe a metáfora da árvore. «Ele [ou ela] é arborescente, remonta à nascente de todo o discurso, desdobra-se numa história da filosofia». Sempre, porém com um essencial cuidado: o de manter em tudo a «infalível relação com a Verdade». Redunda, por isso numa sinfonia, «a Sinfonia do Inalterável [donde...] jorra a irrecusável tarefa de a designar e cantar por meio de uma nova *Literatura*». Cabe-lhe, de modo semelhante, a metáfora do poema: «um Poema saído da Transcendência [que] se difunde numa língua toda, chamada a renovar-se tomando tinta no que ela transporta desde sempre